

## Uma Síntese de Minhas Experiências

Pelo Irmão I.

6-jun-2014

Escrevo algumas linhas respondendo ao pedido que me fez o meu estimado amigo espanhol Juan, para escrever uma síntese, como ele chamou, da minha experiência durante o tempo que durou minha estadia na prisão.

Os cinco meses que estive recluso, na verdade não foi muito tempo do ponto de vista do tempo psicológico que o homem utiliza, mas a profundidade da investigação que ocorreu nesse lapso me conduziu ao núcleo da Realidade, a qual é luz eterna e imutável. Isso equivaleria a um percurso "normal" de vários milhares de anos, falando em termos de tempo cronológico. Mas lembremos que a Verdade, que se encontra em nossa mente superior, a qual é uma com a Mente de Deus, é atemporal e, portanto, um acontecimento que poderia se dar em muito tempo fora desse "lugar", ali pode ocorrer em um só instante.

A prisão é uma microssociedade onde se veem todos os traços humanos (ou talvez eu deva dizer inumanos) da personalidade, assim como também se pode observar o agir da alma através das situações e pessoas, e geralmente não apenas o motivo e impulso da alma não são compreendidos, mas os atores e observadores os tomam exatamente oposto ao que são. A prisão é um lugar belo e privilegiado quando se compreende que se tem a humanidade inteira (ou uma síntese dela) no campo de sua observação, sabendo que ali você tem à vista algo mais verdadeiro, no sentido de que a máscara que vestimos na sociedade, ali já não faz sentido conservá-la.

De fato, fiz vários "experimentos" com diferentes companheiros privados de liberdade. Alguns experimentos fiz do ponto de vista interno e outros foram de forma externa. Internamente, eu poderia dizer que me esforcei ao máximo em não julgar aquela pessoa com quem eu estava falando, por exemplo, meu amigo L, argentino de nacionalidade, que era respeitado dentro desses confins tanto por ser um recluso antigo quanto por sua rudeza, se tornou um dos meus melhores amigos e também meu protetor, já que bastava que os outros o vissem junto a você, sabiam que não podiam tocar em você ou teriam problemas com ele. Ele era um assassino múltiplo que, aos 19 anos, já havia assassinado mais de uma dezena de pessoas, foi assaltante, traficante de drogas e álcool, etc. É uma pessoa culta e íntegra (embora soe estranho), incapaz de trair seus amigos, mas não hesitaria em matar alguém quando o traem. Quando não julgamos, não estamos comparando e, portanto, não estamos atacando, então a paz e a correta relação florescem. Também conheci uma pessoa que violou uma menina de 6 anos e depois a matou. Quais seriam os sentimentos que afloram em você quando fala com ele?

Por outro lado, também fiz experimentos externos, por exemplo, com meu amigo chamado "o chinês". Ele vem dos bairros pobres, eu diria do submundo, onde as pessoas estão perdidas nas drogas e no álcool, e a delinquência é sua única arma para sobreviver. Dentro da prisão, ele continua fazendo exatamente o mesmo. A forma como me tornei amigo dele é curiosa, porque lá dentro ninguém me causava temor algum (embora eu sempre tomasse as precauções básicas e prudentes), exceto uma pessoa, o chinês, que me fazia sentir amedrontado cada vez que se aproximava de mim e, para me

livrar dele, eu sempre aceitava lhe dar algumas moedas para que se afastasse o mais rápido possível de mim. Mas esse sentimento de temor era um espinho que tirava minha tranquilidade, então decidi um dia enfrentar meu próprio medo. Eu o procurei e o convidei para jantar em uma das pensões (pequenos restaurantes) que existem dentro da prisão, as quais são administradas pelos próprios detentos. Tentei ao máximo não demonstrar meu medo e de vê-lo como um ser humano, como um irmão. Para ele, a experiência era tão estranha de que alguém de "outro nível social" o estivesse convidando e sentando na mesma mesa que ele, que de repente se transformou em outra pessoa, era uma pessoa agradecida e muito falante, me contando sobre sua vida inteira e sua interessante filosofia sobre ela. De repente, era ele mesmo e não a máscara de rudeza que demonstrava à vista dos outros. A partir desse momento, cada vez que me via, me cumprimentava com muito respeito e sempre me lembrava de que se alguém me incomodasse, eu deveria avisá-lo para que ele cuidasse da situação.

Levei o experimento ainda mais longe. Outro dia o convidei para tomar café da manhã decidido a propor-lhe minha ajuda para tirá-lo da situação em que vivia, começando para que pudesse gerar seu próprio dinheiro trabalhando honestamente em vez de obtê-lo por enganos e intimidação. Combinamos que ele iniciaria um negócio de venda de sanduíches de presunto e queijo; e devido à sua aparência esfarrapada, combinamos que eu lhe daria toda a roupa necessária (ou seja, toda), incluindo barbeador e sabonete. E assim foi, consegui tudo isso com a ajuda do meu companheiro de cela. Eu me sentia muito emocionado, como se estivesse "salvando-o" do inferno. Para não prolongar muito o relato, vou direto ao desfecho. Todo o dinheiro e todos os acessórios que lhe demos, ele vendeu e usou para adquirir drogas e álcool. Percebi que não apenas não o havia ajudado, mas tinha contribuído com o seu vício. Depois disso, cada vez que nos via a mim e ao meu companheiro de cela, ele ficava nervoso, falava conosco com um forte sentido de culpa e até sentimos o seu medo em relação a nós. Que curioso, não é? O que aprendi com esta experiência? Que não se pode ser o "salvador" de uma pessoa se ela não estiver pedindo isso.

Tive a "sorte" de que meu companheiro de cela é um interessado esotérico sério, embora tenha outro percurso do que eu fiz, ele nunca abriu um único livro de Alice Bailey, Krishnamurti, ou Vicente Beltrán Anglada, e no entanto, a experiência "direta" tivemos juntos. Estes cinco meses para mim foram como um oásis que também poderia comparar a uma espécie de retiro espiritual forçado, onde não tenho dúvida de que foi planejado por minha alma, já que de outra forma eu não teria tido a coragem de reservar um tempo tão longo em minha vida para me dedicar "com foco laser" à minha vida interna.

Todos os que estamos na busca espiritual tivemos a oportunidade de participar em seminários, congressos ou retiros espirituais, e depois de uns poucos dias de participação o vínculo de comunicação com nossa alma, com as outras almas e com Deus é incrementado, além de utilizado. Agora, podem imaginar o que ocorreria se esses poucos dias se estendessem a 5 meses? Podem ter certeza de que muitas revelações chegariam às suas mentes abertas e expectantes. Podem ter certeza de que o coração estaria em muitas ocasiões na frente da mente. E já que estamos falando de síntese, o seguinte é o núcleo ou síntese da nova percepção que me foi apresentada:

A liberdade do ser humano se encontra atrás de todas as ilusões que o envolvem. Conhecer a si mesmo é conhecer essas ilusões e depois dissipá-las, e então saberemos o

que verdadeiramente somos, um Filho de Deus, onde Sua Pureza nunca foi nem será manchada, onde não existe o pecado e, portanto, não existe a culpa, onde Sua Santidade contém todo o Poder de Deus e, portanto, pode realizar qualquer coisa que deseje. Deus é onipresente e, portanto, nós não podemos estar separados de Deus. Deus é perfeição e se nós não podemos ser diferentes Dele por não estarmos separados Dele, então já somos perfeitos e sempre o fomos. A separatividade e todas as suas consequências são apenas uma ilusão. A ilusão significa algo que não existe, mas que parece que existe porque nós mesmos lhe demos existência passageira. A ilusão é nada e, portanto, para ser livre, não é necessário fazer nada. Quando você faz algo, através da resistência você dá vida e existência à ilusão. Estamos combatendo algo que não existe, e tentando chegar a uma meta que não se pode chegar porque simplesmente nós mesmos somos a meta. Buscamos pelo caminho errado e, portanto, nunca encontramos o que buscamos. O que você busca já o tem e não precisa ser completado porque o que Deus dá é eternamente completo, perfeito e imutável, só precisa reconhecê-lo.